



**“QUEM NÃO VEM PELO AMOR
VEM PELA DOR”
A TEOLOGIA DA CONVERSÃO EM
“A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”**

**“THOSE WHO DO NOT COME THROUGH
LOVE WILL COME THROUGH PAIN”
THE THEOLOGY OF CONVERSION IN
“A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”**

Carlos R. Caldas Filho

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo (SP).

RESUMO

O presente artigo é uma aplicação da possibilidade teórico-metodológica denominada pelo acadêmico brasileiro José Carlos Barcellos (2001), de “leitura teológica de uma obra literária”, para um diálogo entre teologia e literatura. O método é aplicado no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, o último do livro *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. Procura-se mostrar que Guimarães Rosa veicula no conto uma teologia da conversão.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia e literatura; conversão; pietismo; literatura brasileira.

ABSTRACT

This essay is an application of the theoretical-methodological proposal done by Brazilian scholar José Carlos Barcellos (2001), which he calls “a theological reading of a literary work”, in order to produce a dialogue between theology and literature. The method is applied to the tale “A hora e a vez de Augusto Matraga”, the very last one tale in João Guimarães Rosa’s *Sagarana*. The aim of this essay is show how João Guimarães Rosa vehicles a theology of conversion in the tale.

KEYWORDS

Theology and literature; conversion; pietism; Brazilian literature.

1. INTRODUÇÃO – SOBRE O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E TEOLOGIA

O discurso teológico ao longo dos séculos tem tido, *grosso modo*, uma tendência a ignorar a literatura como parceira de diálogo. A teologia tem dado à filosofia esse lugar de interlocutora na construção de seus conteúdos. Não obstante, observa-se de alguns anos para cá uma mudança nesse cenário intelectual. Essa mudança tem sido produzida pela descoberta por parte de alguns teólogos do valor da literatura para a teologia. Fato é que, sem dúvida, literatura e teologia podem – e devem – travar rico e fecundo diálogo. A esse respeito, há quase trinta anos, em um número especial de *Concilium*, periódico teológico internacionalmente respeitado, que tratou exclusivamente das relações entre teologia e literatura, Hervé Rousseau (1976, p. 7) assinalou:

A teologia teria a função não só de refletir sobre os “lugares” tradicionais, mas também de refletir a experiência vivida atual, dar-lhe expressão e torná-la inteligível. Daí se estabelecer uma relação entre a teologia e a literatura, enquanto esta é antes de tudo a expressão de uma experiência vivida, mesmo que seja através do imaginário. Se o teológico encontra um lugar privilegiado nesta experiência, não representa então a literatura, por sua vez, um lugar teológico essencial enquanto está mais capacitada que a teologia dialética a exprimir a experiência cristã?

Percebe-se que a pesquisa na área desse diálogo interdisciplinar corre adiantada em outras paragens. Nome grandemente respeitado nesse sentido é o alemão Karl Joseph Kuschel (1999), que há anos articula uma leitura teológica de obras da literatura em língua alemã. A erudição anglófona é bastante rica na pesquisa nessa interface. Entre tantos autores dignos de menção, podem-se citar Calvin Seerveld (1995), que constrói uma teologia da estética a partir de pressupostos da teologia reformada; Robert Detweiler (1989), que é conhecido expoente de uma crítica literária em perspectiva teológica; e David Jasper (1989), que tem extensivamente produzido um diálogo

entre teologia e literatura¹. A pesquisa em língua espanhola nessa área é também notável. Merece menção a obra de Luis Rivera Pagán (1996), que analisa o valor teológico da literatura hispano-americana.

No que tange ao Brasil, a pesquisa pioneira decerto é a de Manzatto (1994), que reflete teologicamente sobre a antropologia dos romances de Jorge Amado (com especial ênfase em *Tenda dos milagres*). Há que citar José Carlos Barcellos (sem dúvida, uma das principais autoridades no Brasil na produção acadêmica nessa área), comentando sobre o esgotamento da proposta racionalista de herança iluminista na construção teológica, mas ao mesmo tempo, a renovação proporcionada para o fazer teológico pelo diálogo com a literatura, nesse tempo que se convencionou chamar de pós-moderno:

Assim, é no contexto dessa crise do racionalismo iluminista, o qual, com seus prolongamentos éticos, políticos e religiosos, tanto marcou a modernidade, que se pode entender a aproximação entre a teologia e a literatura, como forma de resgate da “condição humana”, em sua espessura material e densidade simbólica. Ao operar esse resgate, a teologia consegue assegurar sua própria pertinência – na medida em que consegue articular-se como linguagem, nos planos sintático e semântico – e relevância – ao readquirir, enquanto linguagem, a importância pragmática que perdera. Assim fazendo, garante para si um lugar no âmbito desse humanismo pós-moderno, atualmente em processo de gestação (BARCELLOS, 2001, p. 57).

Ainda com referência ao Brasil, não se pode deixar de mencionar que verdadeiramente está se formando um *corpus* nessa área (cf. MAGALHÃES, 2000). Destaca-se neste artigo apenas a coletânea *Manifestações literárias do sagrado*, publicada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (cf. GROSS, 2002). Como toda e qualquer coletânea, há desigualdade entre a qualidade de seus diferentes capítulos. Mas, sem dúvi-

¹ Vale destacar que David Jasper é um dos editores de *Literature and Theology*, periódico acadêmico publicado pela Universidade de Oxford, voltado, como o próprio título indica, inteiramente para veiculação de pesquisas nesta área.

da, trata-se de esforço exemplar no que concerne à pesquisa e produção que quer investigar as relações entre a literatura e a reflexão sobre o transcendente.

Isso posto, cabe perguntar a respeito de como deve ser, efetivamente, o relacionamento teórico entre teologia e literatura. A produção intelectual no campo dessa interface aponta para variadas possibilidades, todas bastante criativas, diga-se de passagem, nessa articulação teórico-metodológica. O presente artigo seguirá a possibilidade proposta pelo já citado José Carlos Barcellos (2001, p. 69) de tomar o texto literário propriamente como “portador de uma reflexão autenticamente teológica”. Conforme Barcellos (2001, n. 123, p. 69), há duas maneiras de se fazer tal abordagem de um texto literário: uma, a “leitura teológica da literatura”; outra, a “análise do conteúdo especificamente teológica da própria obra literária, quando há”. Será essa segunda possibilidade a adotada no presente texto. Portanto, nessa perspectiva, a presente reflexão tem por objetivo investigar o conteúdo teológico apresentado em *A hora e a vez de Augusto Matraga*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa (1988a) (doravante, JGR).

2. ABORDAGENS DE JGR NA PERSPECTIVA DA INTERFACE LITERATURA-TEOLOGIA/ESTUDOS DE RELIGIÃO

Já há alguns anos os enigmáticos textos de JGR têm sido abordados e analisados pelo prisma da interface ora utilizada neste artigo, qual seja, a que busca inter-relacionar literatura com teologia e/ou estudos de religião. Decerto porque JGR, a despeito do aspecto hermético de seus textos, que os tornam não raro cansativos, é autor que ocupa lugar destacado no cânone da literatura brasileira. Não obstante, é imenso o interesse em sua obra. Utéza (1994, p. 434) informa que, em 1968, um ano após a morte de JGR, seu editor José Olympio publicou uma bibliografia sobre o referido autor, da qual

constam 785 artigos publicados em revistas e jornais do Brasil, além de 120 trabalhos publicados no estrangeiro. Passados 37 anos, é razoável supor que essa bibliografia crítica cresceu consideravelmente.

JGR não esconde nem tenta esconder o peso das questões religiosas em sua obra literária. Em um trecho famoso de *Grande sertão: veredas*, sua *magnum opus*, JGR põe na boca de Riobaldo (seu alter-ego?) as seguintes palavras:

Por isso é que se carece principalmente de religião, para se desdoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura. No geral. Isso é que é a salvação da alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... uma só, para mim é pouco, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém doutrina dele, de Cardeque. Mas quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando belos hinos deles. Tudo me quieta, me suspende. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo (ROSA, 1988b, p. 15).

Essa citação é clara em apresentar a perspectiva religiosa de Rosa: sincretista e macroecumênico. Sem dúvida, é um retrato fiel da religiosidade brasileira – totalmente avessa a qualquer dogmatismo doutrinário, e aberta a práticas sincréticas vividas sem nenhuma crise de consciência. No entanto, no que diz respeito especificamente a estudos críticos da obra de JGR em perspectiva de teologia e/ou ciências da religião, a abordagem que talvez seja a pioneira no Brasil é a alentada pesquisa do já citado Francis Utéza, pesquisador francês que morou por um período em Minas Gerais. Utéza (1994) lê a obra rosiana em perspectiva de um sincretismo místico e religioso, que combinaria elementos de tradições ocidentais e orientais, tais como o hermetismo dos alquimistas ocidentais e a filosofia oriental do zen. Em direção completamente diferente vai a também alentada pesquisa de Heloisa Vilhena de Araújo (1996), que percebe influência de teologia cristã na obra do escritor mineiro. Nessa obra, procede-se “o estudo circunstanciado da presença da mística renano-flamenga na obra de Guimarães Rosa” (BARCELLOS, 2000, p. 10).

Abordagem teológica mais simples, mas sem dúvida interessante, é o artigo de Cláudio Carvalhaes (1997, p. 41-72), que pretende analisar teologicamente o misterioso conto “A terceira margem do rio”. O mesmo conto de Rosa serve de base para uma curiosa abordagem da parte de Adilson Schultz (s. d.). Nesse texto, produzido em 2002, conjuga-se a questão do protestantismo no imaginário religioso brasileiro, além de apresentar pistas para um diálogo entre a teologia e a literatura, tudo a partir de “A terceira margem do rio”. Para falar da questão do imaginário, Schultz lança mão do referencial de Cornelius Castoriadis. À época da produção desse texto, seu autor era doutorando em Teologia Prática na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Na verdade, o artigo em questão é o projeto de tese doutoral de Schultz. Com texto vazado em um estilo que foge de um padrão convencional de texto acadêmico, Schultz declara:

Os assuntos sobre religião, curiosamente, mais interessaram à literatura do que à teologia. A literatura é quem constantemente lança mão da religião para constituir suas narrativas. Com o dedo de Castoriadis, no entanto, ambas entenderam que a determinância das significações religiosas é definitiva. Mas a teologia, ironicamente insistia com a mesma frase: “_ Querida! Eu já sabia!”. A teologia e literatura falaram pouco de imaginário. A teologia saiu com a impressão de que só agora, a partir desse encontro, é que vai realmente se ater como deve ao tema. A 3ª margem é o melhor lugar para falar das significações. Ambas viram o quanto são determinadas e ao mesmo tempo determinantes para o imaginário. Mas viram que o imaginário não é dado *a priori* apenas; ele não é determinante de uma vez por todas; o imaginário é mutável; é dinâmico; é construído a partir das relações das diferentes significações, imaginárias ou não. No entanto, esse imaginário joga peso decisivo nos rumos do mundo. A literatura – mais do que a teologia – consegue articular melhor o dinâmico jogo do imaginário (SCHULTZ, s.d.).

Vale a pena observar que esse mesmo pesquisador já produzira texto que visa articular diálogo entre teologia e literatura a partir da obra rosiana (SCHULTZ, 1995).

Nesse apanhado de leituras críticas da obra de JGR em perspectiva de análises teológicas, obrigatoriamente há que fazer menção ao trabalho de Paulo César Carneiro Lopes (1997). Trata-se da dissertação de mestrado do autor em Literatura Brasileira, defendida na Universidade de São Paulo (USP). Carneiro Lopes é influenciado pela Teologia da Libertação (TdL) na leitura que faz da obra em apreço. Afirma o autor: “A tese básica de minha leitura de ‘A hora e a vez de Augusto Matraga’ é a de que o conto é uma representação literária, em diversos níveis, realistas e alegóricos, do cristianismo” (LOPES, 1997, p. 86).

A compreensão do cristianismo advogada em *Utopia cristã no sertão mineiro* é plasmada pela TdL. Entende Carneiro Lopes que o conto de Rosa apresenta o conflito entre dois projetos de cristianismo (Carneiro Lopes em sua pesquisa intercambia sem grandes preocupações os termos “catolicismo” e “cristianismo”), totalmente diferentes um do outro – um, um projeto de opressão e dominação; o outro, um projeto de fraternidade e solidariedade:

Existe portanto o catolicismo dos ricos, o catolicismo dos pobres e, a rigor, existe um único catolicismo brasileiro que é o conflito, em busca de síntese, entre todos os catolicismos presentes aqui. E é a esta complexíssima realidade que “A hora e a vez de Augusto Matraga” representa de forma admirável. Sua capacidade mimética é tão grande que, lendo-o com atenção, vemos nele o movimento contraditório de todas estas forças presentes na nossa cultura (LOPES, 1997, p. 89).

A seguir, no momento que talvez seja o ponto culminante de seu trabalho (mas que, talvez, uma conclusão um tanto forçada), Carneiro Lopes (1997, p. 144) defende que no conto ora em apreço JGR apresenta uma fenomenologia do corpo em três momentos bem distintos²:

² Esses momentos podem ser considerados como etapas na trajetória espiritual de Augusto Matraga, como se pretende demonstrar a seguir.

No conto, portanto, temos um primeiro momento em que o corpo é afirmado e assim a vida concreta, mas então como a vida concreta do indivíduo contra todos os outros indivíduos. É o momento do corpo egocentrado. Temos um segundo momento em que o corpo é negado e com ele a vida concreta, mas que é o momento que possibilita o nascimento da solidariedade entre os indivíduos; é o momento do corpo negado. E, por fim, temos o momento em que o corpo é reafirmado e de novo a vida como vida concreta, mas agora na realização da utopia cristã de um universalismo em que todos são um, apesar da individualidade ser mantida e respeitada, como na trindade cristã em que Deus é unidade na diversidade; é o momento do corpo solidário. Nesse último momento, que é aquele em que Augusto mais valoriza e desfruta a vida, ele não vacila em arriscá-la em nome da solidariedade, e ao morrer, liberto do seu egoísmo, do seu corpo egocentrado, reconciliado com a morte, que também é parte da vida, morre em meio a uma imensa alegria. Como Francisco de Assis, ele não quis morrer dentro de casa. Quis morrer ao ar livre, usufruindo a sua integração com a totalidade, com a vida que é dom, que passa e continua.

A essas leituras de JGR na perspectiva da interface literatura/teologia-religião³ acrescenta-se o presente estudo, que tem por propósito apresentar o conto de JGR como veiculador de uma teologia da conversão, tema importante em uma teologia de inspiração pietista.

3. AUGUSTO MATRAGA – ANTES E DEPOIS

A trajetória de Augusto Matraga em alguns momentos lembra a do patriarca bíblico Jó. Ambos são apresentados, no início de suas respectivas narrativas, como ricos e, via de con-

³ É possível que haja outros trabalhos nessa perspectiva. A revisão de literatura aqui apresentada não tem, em absoluto, a pretensão de ser exaustiva. Contempla evidentemente apenas os trabalhos nessa área aos quais o autor do presente artigo teve acesso.

seqüência, influentes e poderosos. Jó na terra de Uz (Jó 1,1), Augusto Matraga em um lugar qualquer do sertão das Minas Gerais. Ambos passam por sérias desventuras, vindo a perder a saúde e os bens. As semelhanças entre as narrativas param por aqui. Ainda que, cada qual a seu modo, no final, ambos experimentem algum tipo de redenção, há tremendas diferenças entre suas narrativas. Jó é descrito desde o início como piedoso, “íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal” (cf. Jó 1,1). Poder-se-ia pensar em Augusto Matraga talvez como um Jó às avessas. Já Nhô Augusto, na verdade, Augusto Esteves, filho do coronel Afonso Esteves (ROSA, 1988a, p. 7), é descrito como possuidor de uma religiosidade apenas aparente, de fachada. Sua vivência do cristianismo em sua versão católica popular é meramente cultural. Em uma “noitinha de novena” ele participa de “um leilão de atrás de igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici” (ROSA, 1988a, p. 7). O leilão é, no mínimo, inusitado: leiloam-se duas “mulheres à-toa”. Pouco depois, o narrador descreve Nhô Augusto parando defronte à citada igreja, tirando seu chapéu em sinal de respeito e “fazendo o em-nome-do-padre, para saudar a porta da igreja” (ROSA, 1988a, p. 10). Parece que sua vivência da religiosidade se limita a poucos gestos e costumes. Ele não demonstra ter a piedade de Jó. Observe-se a seguinte descrição de Augusto Matraga:

E ela [Dionóra, a esposa de Augusto] conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda – no Saco-da-Embira, nas Pindaíbas, ou no retiro do Morro Azul – ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. E sem efeito eram sempre as orações e promessas, com que ela o pretendia trazer, pelo menos, até a meio caminho direito. Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai panocrácio [...] (ROSA, 1988a, p. 12).

Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava

ficando Nhô Augusto. E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca (ROSA, 1988a, p. 12).

A narrativa, todavia, mostrará Nhô Augusto passando por profunda experiência religiosa, que verdadeiramente mudará sua vida. Tal experiência é marcada por sofrimento mais que intenso. Em um relato que faz lembrar o do Jó bíblico, Nhô Augusto sofre uma tremenda virada da “roda da fortuna”. Perde os empregados, Dionóra e a filha fogem com outro homem, é violentamente espancado por capangas do seu inimigo declarado, o major Consilva, e, humilhação das humilhações, foi marcado com ferro em brasa como se fosse gado:

E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major – que soia ser um triângulo inscrito numa circunferência –, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto (ROSA, 1988a, p. 18-19).

O infeliz Nhô Augusto espantosamente sobrevive, sendo ajudado por um casal de negros (chamados apenas de “o preto e a preta”) pobres e profundamente piedosos. Tem início aí seu processo de redenção. O casal providencia para que um padre visite Augusto (agora, certamente, não mais “Nhô”) e que lhe dê longos aconselhamentos. Recuperado, Nhô Augusto sai do lar do casal que o acolhera. É nesse momento que Augusto Matraga diz a frase que pode ser considerada programática e reveladora da mudança de vida que experimentou: “– Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...” (ROSA, 1988a, p. 23).

Daí em diante, a narrativa apresentará evidências que apontam para uma transformação no estilo de vida de Augusto Matraga:

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava

para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa (ROSA, 1988a, p. 24). Também, não fumava mais, não bebia, não olhava para o bom- parecer das mulheres, não falava junto em discussão. Só o que ele não podia era se lembrar da sua vergonha: mas, ali, naquela biboca perdida, fim-de-mundo, cada dia que descia ajudava a esquecer (ROSA, 1988a, p. 25-26).

Mais tarde, o arraial onde Augusto Matraga vive recebe a visita de Joãozinho Bem-Bem e seu bando. Esse líder é descrito como famoso, conhecido e temido em vasta região do sertão mineiro (ROSA, 1988a, p. 31). Augusto é hospitaleiro e atencioso com o bandoleiro. Algum tempo depois se reencontram, no clímax da narrativa. Dessa feita, o encontro não será tão amigável como fora o primeiro. O líder bandoleiro quer massacrar toda uma família de pobres por motivo fútil, e para “dar exemplo” de que deve ser temido e respeitado. Nhô Augusto não concorda. Os dois discutem. A discussão evolui para um confronto terrível, no qual ambos vêm a falecer. Augusto Matraga mata e morre para defender uma família de desamparados.

Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com o sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sagaz contentamento.

Daí, mais, olhou, procurando João Lomba, e disse, agora sussurrado, sumido:

– Põe a bênção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!

Depois, morreu (ROSA, 1988a, p. 52).

4. “CONVERSÃO” COMO TEMA DE REFLEXÃO TEOLÓGICA

A noção de conversão sem dúvida está presente nos textos bíblicos, fundantes para a formulação da teologia cristã (LAUBACH, 1981, p. 496-499; HULSBOSCH, 1977, p. 292-294). Alguns teólogos de fato têm considerado esse tema em suas construções sistemáticas. Se bem que o mais comum é que teólogos conservadores considerem o tema em suas teologias (cf. ERICKSON, 1997, p. 393-397; GRUDEM, 1999, p. 592-602). Teologias não-alinhadas com pressupostos conservadores provavelmente terão a tendência de não se preocupar em refletir teologicamente sobre o tema da conversão. É possível que haja até mesmo uma “implicância” com esse tema, talvez considerado primitivo e rudimentar demais para ser refletido teologicamente.

A despeito de tais posicionamentos, o tema da volta para Deus deve ser refletido crítica e teologicamente. Não é razoável ou justo relegar esse tema ao desprezo, por julgá-lo não sofisticado. Ainda mais nesses tempos que se convencionou chamar de “pós-modernos”, em que há indubitavelmente um crescente interesse na vivência da espiritualidade.

Historicamente falando, o pietismo germânico é o responsável por introduzir o tema da conversão no debate teológico⁴. A palavra “pietismo” tem sido algumas vezes usada em tom pejorativo, o que é lamentável. Nascido em berço luterano, o movimento que ficou conhecido como pietismo em nenhum momento pretende negar as contribuições clássicas de Martin Lutero, notadamente seu ensino sobre a graça de Deus que acolhe o pecador. Sem embargo, o ensino de líderes do pietismo como Philip Jakob Spener (1635-1705) é que cada cristão deve ter plena consciência de sua fé. Em *Pia Desideria* (“desejos piedosos”), sua obra prima, de 1675, Spener dá grande destaque ao estudo bíblico como elemento vital para a revitalização da vida cristã⁵. Seu ensino foi uma reação

⁴ Para detalhes quanto ao pietismo, consultar Gonzalez (1984, p. 156-186); Olson (1999, p. 473-492)

⁵ Há uma edição em português de *Pia Desideria*, publicada pela Imprensa Metodista. A Encontro Editora publicou uma edição dessa mesma obra em 1996.

aos excessos da ortodoxia luterana de seus dias, obcecada pela correção doutrinária e pela formulação de rígidos sistemas teológicos. Daí a necessidade de uma experiência de conversão, que cada cristão deve ter.

Spener também rejeitou o sacramentalismo que dominava o cenário teológico e eclesial de seu tempo. Conforme Spener, não basta ter sido batizado na infância. Todavia, sem negar o pedobatismo, Spener deu forte ênfase à necessidade dos batizados de passarem por uma experiência consciente de volta para Deus.

O movimento pietista logrou alcançar uma influência que ultrapassou em muito os limites da denominação luterana. Um número imenso de grupos cristãos absorveu inteiramente o ensino de Spener quanto à necessidade de conversão. A ênfase pietista provavelmente é a majoritária entre os evangélicos no Brasil e na América Latina. Daí a necessidade de que o tema da conversão seja de fato refletido teologicamente. Não é objetivo deste breve artigo apresentar tal reflexão crítica sobre a conversão ou sobre a maneira como tal experiência religiosa é entendida na vasta comunidade evangélica brasileira. Decerto poucos temas precisam tanto de uma abordagem teológica séria como o da conversão. A interpretação tradicional dessa experiência em boa parte da comunidade evangélica brasileira (e quiçá, igualmente na latino-americana) carece ser reavaliada. O que este artigo pretende é tão-somente levantar a questão.

5. A TEOLOGIA DA CONVERSÃO DE A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

O “ponto” deste breve artigo é apresentar que JGR na peça literária em questão veicula uma teologia da conversão. Tal teologia pode ser sintetizada no provérbio popular “quem não vem pelo amor vem pela dor”. Esse dito do povo brasileiro é muitíssimo usado tanto por fiéis católicos como por evangélicos (“crentes”). Revela a crença de que o sofrimento e a crise, especialmente quando acontecem com forte intensidade

dramática, podem levar uma pessoa a se voltar para Deus. Daí, via de conseqüência, a mudança de vida. Há que observar que é exatamente esse o sentido teológico da palavra “conversão” (pelo menos em uma construção teológica conservadora): um voltar-se para Deus e uma mudança de vida.

Conforme essa compreensão da conversão, a pessoa em condições normais de vida não se preocupa com questões existenciais, metafísicas ou espirituais. O sofrimento seria o fator causador de uma mudança nas perspectivas de vida, conceitos e atitudes. A própria cosmovisão, isto é, a maneira como alguém vê a vida e o mundo, só seria alterada por um intenso sofrimento, forte o bastante para abalar estruturas há muito estabelecidas. É o que se vê na narrativa rosiana sobre a trajetória de vida de Augusto Matraga. Seus conceitos e seu estilo de vida só mudaram após mergulhar na seqüência de sofrimentos que o tornou pobre e sem poder. Augusto Matraga, depois da crise, nunca mais será o mesmo. Ele descobre um novo sentido para a vida, e se volta para Deus e para o próximo. Aliás, é no dramático final da narrativa que JGR apresenta a radicalidade da conversão experimentada por Augusto: ele literalmente mata e morre para defender pessoas pobres e indefesas perante o ataque do poderoso Joãozinho Bem-Bem. Nesse sentido, Augusto Matraga leva às últimas conseqüências seu compromisso com o próximo. Assim, encarna a palavra evangélica: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (João 15,13, *A Bíblia de Jerusalém*).

Haverá evidência de conversão maior ou mais eloqüente que esta?

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. *O roteiro de Deus*. Dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1996.
- BARCELLOS, José Carlos. Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. *Numen. Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2000.

- _____. *Literatura e espiritualidade*. Bauru: Edusc, 2001.
- CARVALHAES, Cláudio. Teologia e literatura: João Guimarães Rosa. A terceira margem do rio. *Teologia e Literatura*. Cadernos de Pós-Graduação/Ciências da Religião 9. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1997, p. 41-72.
- DETWEILER, Robert. *Breaking the Fall: Religious Readings of Contemporary Fiction*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1989.
- ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- GONZALEZ, Justo L. *A era dos dogmas e das dúvidas*. Uma história ilustrada do cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 1984. v. 8.
- GROSS, Eduardo (Org.). *Manifestações literárias do sagrado*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HULSBOSCH, A. Conversão. In: BORN, Van den (Ed.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 292-294.
- JASPER, David. *The Study of Literature and Religion: an Introduction*. Minneapolis: Fortress Press, 1989.
- KUSCHEL, Karl Joseph. *Os escritores e as escrituras. Retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LAUBACH, F. Conversão, penitência, arrependimento, prosélito. In: BROWN, C. (Ed.). *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981. v. I, p. 496-499.
- LOPES, Paulo César Carneiro. *Utopia cristã no sertão mineiro*. Uma leitura de “A hora e a vez de Augusto Matraga” de João Guimarães Rosa. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras*. Teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- OLSON, Roger. *The Story of Christian Theology*. Twenty Centuries of Tradition & Reform. Downers Grove: Intervarsity Press, 1999.

RIVERA PAGÁN, Luis. *Mito, exílio y demonios: literatura y teologia en América Latina*. San Juan: Publicaciones Puertorriqueñas, 1996.

ROSA, João Guimarães. A hora e a vez de Augusto Matraga. In: _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988a.

_____. *Literatura e espiritualidade*. Bauru: Edusc, 2001.

Grande sertão: veredas. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988b.

ROUSSEAU, Hervé. A literatura: qual é seu poder teológico? *Concilium*, v. 115, n. 5, p. 7, 1976.

SCHULTZ, Adilson. Agenciamentos teórico-metodológicos básicos para o estudo do lugar do Protestantismo no imaginário religioso brasileiro a partir do encontro da Teologia com a Literatura (na Casa de João Guimarães Rosa). *Protestantismo em Revista*, ano 1, n. 1, s. d. Revista eletrônica do Núcleo de Estudos do Protestantismo da Escola Superior de Teologia. Disponível em <http://www.est.com.br/nepp/numero_01/index.htm> [Capturado em 14.11.2005]

_____. *Literatura e espiritualidade*. Bauru: Edusc, 2001.

O diálogo da teologia com a literatura a partir de *Grande sertão: veredas* (ou: a ambigüidade como graça de Deus). *Simpósio*, São Paulo, v. 40, p. 343-353, 1995.

SEERVELD, Calvin. *A Christian Critique of Art & Literature*. Toronto: Tuppence Press, 1995.

UTÉZA, Francis. *A metafísica do Grande sertão*. São Paulo: Edusp, 1994.